

A dengue em números em charges: efeitos de sentido da quantificação sob a ótica semiolinguística

Eveline Coelho **CARDOSO***
Glacy Kelli Reis da Silva **XAVIER****
Nadja Pattresi de Souza e **SILVA*****

* Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (2018). Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. cardoso.eveline@uerj.br.

** Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (2016). Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense - UFF. glaycikelli@id.uff.br.

*** Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (2015). Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense - UFF. nadja_pattresi@id.uff.br.

Resumo

Neste estudo, considerando a interdependência entre os planos situacional, discursivo e semiótico da linguagem, recorre-se aos postulados de uma gramática com foco no sentido (Charaudeau, 1992, 2015), a fim de se partilharem possibilidades de leitura e reflexão sobre um tema socialmente relevante no Brasil: o avanço da epidemia de dengue. Os números dessa doença viral transmitida por mosquitos (OMS) têm crescido ao longo dos anos, o que justifica sua abordagem em inúmeras produções midiáticas de caráter analítico e crítico, como as charges. Assim, partindo-se das restrições contratuais desse gênero discursivo do campo jornalístico-midiático, pretende-se examinar os diferentes recursos verbais e visuais empregados pelos chargistas para a semiotização da dengue no país, dando destaque à operação linguístico-discursiva de quantificação de dados recentes sobre a doença e seus respectivos efeitos pretendidos de sentido. Para tanto, em primeiro lugar, abordaremos alguns pressupostos teóricos basilares da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso; na sequência, a quantificação e suas nuances de sentido serão tratadas à luz da *Gramática do sentido e da expressão*; e, por fim, sob uma metodologia qualitativa, exploratória e descritiva, examinaremos um *corpus* constituído de três charges contemporâneas sobre o tema mencionado.

Palavras-chave: Semiolinguística; interpretação/compreensão; quantificação; charge.

A dengue em números em charges: efeitos de sentido da quantificação sob a ótica semiolinguística¹

Eveline Coelho Cardoso
Glacy Kelli Reis da Silva Xavier
Nadja Pattresi de Souza e Silva

INTRODUÇÃO

*Última edição do Guinness Book / Corações a mais de mil / E eu com esses números?
Cinco extinções em massa / Quatrocentas humanidades / E eu com esses números? [...]
E eu... o que faço com esses números? / Eu... o que faço com esses números?
A medida de amar é amar sem medida / Velocidade máxima permitida
Humberto Gessinger (Engenheiros do Hawaii)²*

A população mundial passou *três intermináveis anos (2020-2023) alarmada* com a *pandemia* de Covid-19. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) reconheceu a doença como uma Emergência de Saúde Pública de *Importância Internacional* (ESPII) – o *mais alto nível* de alerta da Organização – e, no dia 11 de março de 2020, a instituição caracterizou a Covid-19 como uma *pandemia*. Somente em 5 de maio de 2023, a OMS finalmente declarou o *fim* da Emergência de Saúde Pública de *Importância Internacional* referente à doença³. Contudo, um inimigo *antigo* que, por *muito tempo*, *vinha sendo* o centro das notícias sanitárias no Brasil, estava à espreita para voltar à cena como protagonista: o vírus da dengue, junto a seu transmissor, o mosquito *Aedes aegypti*.

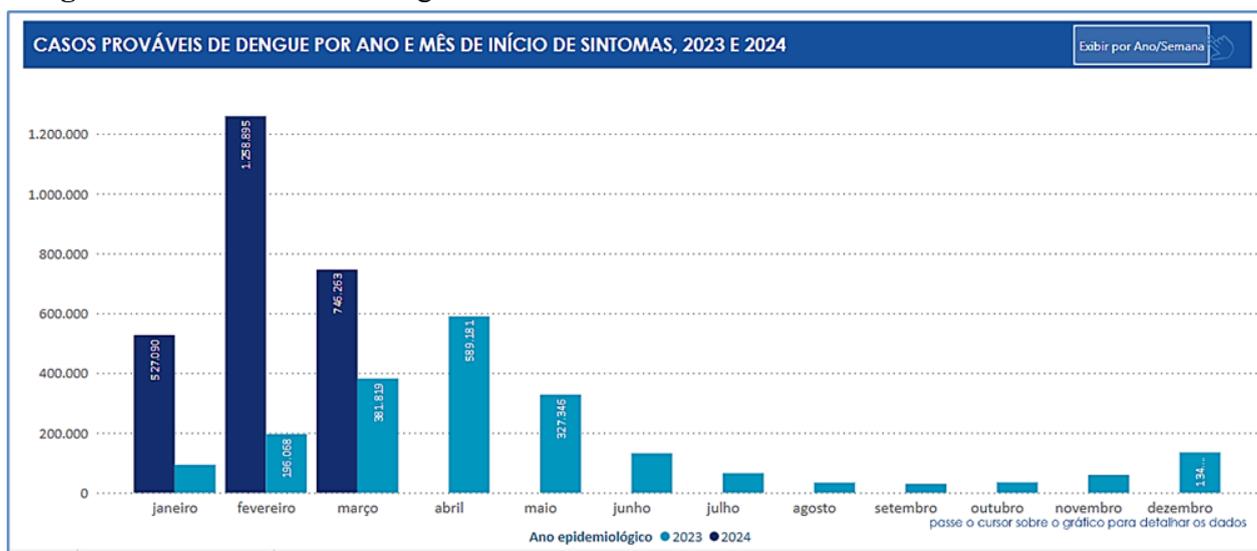
Somente no *início* de 2024, ano de produção do presente artigo, os dados já se mostraram *assustadores* e *ultrapassaram* as pesquisas do *ano anterior*, como mostra o gráfico a seguir, divulgado pelo Ministério da Saúde:

¹ Revisado por: Anabel Medeiros Azerêdo de Paula.

² Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/humberto-gessinger/1636568/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

³ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 20 mar. 2024.

Figura 1 – Dados sobre a dengue no Brasil



Fonte: Brasil (2024).

Como lutar contra um inimigo que, *ano após ano*, volta ainda *mais forte*? O sanitarista Jonas Brant, coordenador da Sala de Situação de Saúde da Universidade de Brasília (UnB), entende que é injusto colocar sobre a população *toda* a responsabilidade pela epidemia. *Além disso*, afirma que não se pode *continuar* usando as mesmas estratégias de comunicação de *20 ou 30 anos atrás*:

[...] a linguagem adotada é frágil e não consegue engajamento. As peças publicitárias são genéricas, não são específicas para a realidade de cada comunidade. Não adianta falar sobre água em pneu numa região onde só existe prédio e ninguém tem pneu ao ar livre. Não adianta falar sobre vaso de planta num lugar onde o problema é o lixo que se acumula na rua ou em terreno baldio (Westin, 2024).

Nesse cenário, *fartamente* explorado nos noticiários e nas *mais diversas* produções midiáticas, os casos de pessoas infectadas só *aumentam*, o que enseja para *todos* nós, interlocutores em potencial, a reflexão proposta em nossa epígrafe: “E eu... o que faço com esses números?” É a tentativa de dar uma resposta epistemológica a esse questionamento que motiva o trabalho em tela, cuja problemática de pesquisa surge precisamente do interesse de ressaltar as *múltiplas* maneiras de expressar e compreender os “números” da dengue nos textos, comprovando, ao contrário do que a própria tradição gramatical costuma apontar, que não apenas palavras que designam numerais têm esse papel quantificador.

Como podemos observar nos parágrafos anteriores, por meio dos segmentos destacados em itálico, a quantificação está presente a todo momento em nosso cotidiano e opera, de maneira diversificada, para expressar dados, sentimentos, passagem de tempo, importância etc. Trata-se, de maneira geral, do procedimento semântico-discursivo da *quantificação*, que passaremos a explorar com base, principalmente, na *Gramática do sentido e da expressão*, de Patrick Charaudeau (1992). Dessa forma, este estudo tem o objetivo de examinar como os aspectos situacionais, discursivos e multissemióticos interagem na construção da significação de expressões quantificadoras de diversos tipos, empregadas para relatar a realidade da epidemia de dengue no Brasil, produzindo variados efeitos de sentido.

A metodologia de pesquisa, mais detalhada no tópico destinado à análise, tem um caráter qualitativo, exploratório e descritivo e se valerá da análise de *corpus*. Assim, para atingir o objetivo proposto, elegeu-se um conjunto de três charges sobre a dengue publicadas, no Brasil, entre os anos de 2023 e 2024 e selecionadas em razão não apenas da temática em tela, mas também com base nas escolhas de formas quantitativas diversas, verbais e visuais, cujas particularidades semânticas e formais potencializariam a análise nos limites de espaço que a publicação permitiria. Partiu-se, pois, do exame de trechos verbais das peças selecionadas e ampliou-se a análise com o enfoque das imagens – elementos essenciais e carregados de significado no gênero em questão – para mapear, como se verá, um arranjo complexo de formas e sentidos por trás dos números da dengue, que visa a intensificá-los e a (in)defini-los ao sabor da intencionalidade dos chargistas.

DA LÍNGUA AO DISCURSO E VICE-VERSA: A PERSPECTIVA SEMIOLINGÜÍSTICA DE ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso (AD), como sabemos, pode ser concebida, de maneira ampla, como uma abordagem linguística voltada para a investigação do discurso. Para debruçar-se sobre a complexidade desse objeto, cada uma de suas versões guarda um traço dialógico com outras áreas do conhecimento e com outras disciplinas do campo das ciências da linguagem, mas mantém, ao mesmo tempo, um quadro próprio de pertinência – condição que lhe permite construir uma interdisciplinaridade focalizada (Charaudeau, 2013). Paralelamente a essa natureza integradora, segundo Maingueneau (1997), é a filiação linguística que concede à AD, de modo privilegiado, mas não exclusivo, maior eficácia na apreensão dos processos discursivos.

No conjunto de múltiplas análises do discurso, a Teoria Semiolingüística, elaborada por Patrick Charaudeau (1992, 2008), baseia-se no entendimento da linguagem como um fenômeno multidimensional (cognitivo, psicossocial e semiótico) e deseja, portanto, investigar a incidência de aspectos psicossociolingüísticos sobre a construção do sentido. Duas particularidades da teoria são, nesse sentido, dignas de nota: o papel central atribuído aos sujeitos, cuja intencionalidade prevista impele e orienta toda a *mise-en-scène* discursiva; e o exame atento da materialidade formal, presente e palpável nas práticas sociais, que incide sobre a construção do sentido e sobre a configuração textual por meio de formas verbais (mas não só) e das regras de ordenamento dessas formas (Charaudeau, 2005, p. 13).

Trata-se de um projeto teórico-metodológico nomeadamente *semiolingüístico*, uma vez que defende que os sentidos se projetam do nível linguístico (formal, estrutural) ao nível discursivo (situacional, intertextual) e vice-versa por meio da enunciação, que controla e coloca em cena os interlocutores com seu projeto de fala. Por esse prisma, estabelecendo um elo entre os dois níveis de análise referidos, o *texto* é concebido como o resultado de um ato de linguagem (Charaudeau, 2005), “um conjunto de signos organizado de acordo com uma intencionalidade, com as circunstâncias da troca e com os saberes partilhados pelos interlocutores, direcionado por um desejo de influência” (Feres, 2023, p. 25).

A partir da concepção de linguagem atravessada pelas circunstâncias de discurso e pela intencionalidade, a semiotização do mundo, tal como define Charaudeau (2005), constrói-se por meio de dois grandes processos: *transformação* e *transação*, cada um estruturado em mecanismos distintos. O primeiro, centrado no sujeito falante, pressupõe o movimento em que se parte do “mundo a significar” e, por meio da linguagem verbal – e não verbal –, transforma-se esse mundo em “mundo significado”, atribuindo identidades de diversas naturezas (nominais, descritivas, narrativas e/ou causais) às unidades linguísticas (e não linguísticas) que se empregam no discurso.

Já o *processo de transação*, voltado para o interlocutor e para a interação, controla as

operações de transformação, filtrando e orientando seus sentidos para que correspondam adequadamente ao quadro situacional. Quatro princípios guiam, então, esse processo: a *alteridade*, que pressupõe o reconhecimento e a legitimação recíprocos dos parceiros da troca; a *pertinência*, responsável por restringir os saberes sobre o mundo, os valores psicológicos e sociais e os comportamentos aceitáveis em função do quadro contratual; a *influência*, que postula a intencionalidade como fio condutor das escolhas dos interlocutores; e a *regulação*, posta em atividade por meio do contrato comunicativo para que a interação tenha êxito.

Conforme Charaudeau, embora sejam interdependentes, há uma “solidariedade hierarquizada” entre os *processos de transformação* e de *transação*, uma vez que “todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma relação, ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação” (Charaudeau, 2010, p. 41-42). Assim sendo, o mundo semiotizado por meio da linguagem se torna objeto do discurso sempre a partir de um duplo movimento, que correlaciona uma dimensão explícita e uma dimensão implícita da linguagem, envolve operações formais e enunciativas, enfim, articula língua e discurso.

No que tange, mais especificamente, à significação, seguindo o mesmo raciocínio, Charaudeau (2008, p. 26) põe em perspectiva a suposta estabilidade do signo, defendendo que “é o ato de linguagem, em sua totalidade discursiva, que o constitui a cada momento de forma específica”. Considera-se, assim, uma dimensão sgnica estrutural e explícita, responsável por um *sentido de língua*, e uma dimensão situacional, enunciativa e implícita, que dá origem a um *sentido de discurso*. Conforme o autor, o *sentido de língua* representa um “estar-aí (provisório)” e remete à estabilidade do signo originária de seus múltiplos empregos em contextos diversos; já o *sentido de discurso* corresponde ao verdadeiro signo, que mostra a linguagem tornando-se acontecimento, evento único, que só existe na totalidade do ato de linguagem (Charaudeau, 2008, p. 33).

Por conseguinte, a leitura e a própria análise de um texto tomado como discurso procuram revelar como o sentido *acontece* (Feres, 2023), considerando-se a interdependência entre a relativa estabilidade e fixidez de um núcleo semântico (*sentido de língua*) e o timbre das circunstâncias em que ocorre a comunicação (*sentido de discurso*). Dessa articulação, que leva em conta a relação entre os sujeitos envolvidos no ato de linguagem e os saberes individuais e coletivos que circulam e intervêm na troca comunicativa, pressupõe-se a leitura como um processo inferencial:

[...] o sujeito interpretante está sempre criando hipóteses sobre o saber do enunciador, como se fosse impensável que um indivíduo produzisse um ato de linguagem que correspondesse exatamente a sua intenção, ou seja, um ato de linguagem que fosse “transparente”. De forma análoga [...], para o sujeito enunciador, falar ou escrever é uma atividade que envolve a criação de hipóteses sobre o saber do sujeito interpretante (Charaudeau, 2008, p. 31).

A propósito da menção aos sujeitos, convém detalhar a percepção semiolinguística em razão da centralidade desse conceito para a teoria. A abordagem dual que vimos até agora com Charaudeau também orienta a descrição desse tema, concebendo uma relação complexa entre a instância de produção e a instância de recepção do discurso, a qual depende, por sua vez, da consideração de dois espaços de realização do ato de linguagem: o *espaço externo* ao dizer, que corresponde ao circuito “real” (psicossocial) que caracteriza a situação de comunicação; e o *espaço interno* ao dizer, que representa o ambiente discursivo ou a situação de fala configurada.

Charaudeau (1992, 2008) definiu, pois, os protagonistas que atuam na encenação do ato de linguagem a partir do desdobramento da instância de produção em sujeito comunicante (EUc) e sujeito enunciador (EUe) e da instância de recepção em sujeito interpretante (TUi) e sujeito destinatário (TUD). Com efeito, no espaço externo da situação de comunicação, ocorre o encontro entre o EUc e o TUi, seres sociais, e, no circuito da fala configurada, entram em cena os seres do discurso, projetados como representações daqueles seres sociais no espaço do dizer: o EUe e o

TUd.

Uma vez mais, reforça-se que “todo ato de linguagem é o resultado de uma coconstrução de sentido, pelo fato de haver, aí, o encontro entre duas intencionalidades de sentido” (Charaudeau, 2019, p. 11). Dessa forma, como destacamos, há pouco, na citação de Charaudeau (2008), a interpretação depende do levantamento de hipóteses sobre os saberes e intenções dos sujeitos que interagem na troca discursiva, processo que não se dá apenas na direção da recepção para a produção de um texto e também não é simétrico. O ato de ler tomado como processo comunicativo é, pois, *intersubjetivo*, o que quer dizer que

[...] quem lê sabe que houve outro sujeito que produziu um material significativo e o ofereceu à compreensão. Quem produz um texto também o faz com a consciência da existência de um interlocutor – ainda que somente imaginado. Esse interlocutor idealizado pelo produtor também age sobre a maneira de dizer no texto, pois a simples existência de um outro que vai ler orienta o modo de produzir [...]. Um *modo de ler* é acionado em função de tudo isso. Dialogicamente. Torna-se *comum* um texto, tendo, produtor e leitor, a responsabilidade de colocar nele o que trazem de conhecimento da vida e do mundo, a fim de levar dele algo novo (Feres, 2023, p. 24-25).

Segundo Charaudeau (2019), a compreensão dos sentidos de um texto ocorre – novamente – em dois níveis distintos: um nível de compreensão do *sentido* literal e explícito, que corresponde ao *sentido de língua* e “é obtido no âmbito de uma semântica do enunciado, fora de contexto, um sentido de algum modo autoconstruído, ao qual falta sua enunciação” (Charaudeau, 2019, p. 14); e um nível de compreensão da *significação* indireta e implícita, que corresponde ao *sentido de discurso*, estabelecido, como vimos, a partir de relações entre componentes do enunciado e outros elementos que lhe são externos e dos quais depende. Com isso, o autor reforça que interpretar o sentido ou a significação são processos distintos e complementares, sendo o primeiro da ordem da *predicação* (calculável a partir dos constituintes formais) e o segundo, da ordem da problematização (responde a “de que se trata?”, para entender as intenções por trás da materialidade signíca) (Charaudeau, 2019, p. 15).

Pode-se, pois, afirmar, com base em Charaudeau (2019), que *interpretar* é considerar, ao mesmo tempo, os índices de sentido (*sentido de língua*) presentes no enunciado para *compreender*, isto é, para tirar desses índices hipóteses de significação (*sentido de discurso*), filiando-os ao ato enunciativo. Uma série de inferências internas (ligadas ao sistema linguístico e à estrutura superficial do texto) e externas (associadas ao contexto histórico-social, aos saberes dos interlocutores, às circunstâncias da enunciação) serão, portanto, mobilizadas pelos interlocutores para levar a cabo esse objetivo, o que deve ser entendido como um processo, não como um resultado, que leva à leitura – e à análise – crítica de um texto/discurso.

A QUANTIFICAÇÃO NA GRAMÁTICA DO SENTIDO E DA EXPRESSÃO

À luz da Semiolinguística, em sua já apresentada abordagem que prima pela relação entre o sentido e a expressão e também, em uma via de mão dupla, entre a expressão e o sentido, assume-se que os mecanismos de significar o mundo (*processo de transformação*) realizam-se a serviço da intencionalidade comunicativa em um ato de linguagem (*processo de transação*). Nesse entrecruzamento, Charaudeau (1992, 2015) propõe a construção de sua *Gramática do sentido e da expressão*, em que descreve a articulação entre o plano da intencionalidade comunicativa, o das operações semânticas e o das categorias formais ou de expressão. Em outras palavras, nessa proposta, defende-se que as categorias de expressão estão sob a dependência dos elementos situacionais e discursivos em jogo a cada interação.

De modo geral, sem representar uma configuração rígida, Charaudeau (2015) delinea um quadro em que explicita a interseção mencionada, alertando, ainda, para o fato de as relações entre as categorias não serem biunívocas, o que permite, de um lado, que uma mesma categoria de expressão corresponda a diferentes operações semântico-conceituais e, de outro, que uma só operação semântico-conceitual se evidencie por mais de uma categoria linguística. Desse conjunto, para os fins deste trabalho, interessa destacar uma das categorias que contemplam a intencionalidade dos sujeitos: o ato de *determinar* construído na interação, o qual indica o modo de existência dos seres e das situações por meio de diferentes formas de expressão, entre elas os quantificadores, nosso recorte para a análise das charges sobre a dengue.

Nessa esteira, a quantificação é tratada na Semiologia linguística como uma operação de *determinação* que se concretiza por diferentes elementos linguísticos, como o traço morfológico de plural e os quantificadores comumente reconhecidos pela tradição gramatical – numerais, pronomes indefinidos, advérbios. Pelo fato de esses elementos semiotizarem a categoria semântico-discursiva da quantificação, são abordados em um mesmo capítulo da *Gramática* (Charaudeau, 1992) e descritos de acordo com suas nuances significativas, a saber: a) a natureza semântica do quantificador e do termo quantificado; b) o modo da quantificação (precisa/imprecisa; relativa; totalizante ou zero) e c) o grau da quantificação (forte ou fraco).

Quanto ao item *a*, a depender do elemento ao qual a quantificação se aplica, distinguem-se as noções de *quantidade* e de *intensidade*: aquela se liga a termos contáveis e não contáveis, expandindo ou delimitando a unidade de referência em jogo (“centenas de mosquitos” / “mosquitos precisam de pouca água para depositar seus ovos”); esta se conecta a propriedades e a processos – unidades não contáveis –, amplificando a ideia da referência em foco (água muito contaminada). No que concerne ao item *b*, pode-se quantificar de forma precisa/determinada (“duas pessoas infectadas com a dengue”) ou imprecisa/indeterminada (“várias pessoas infectadas com a dengue”); relativa (“alguns receberam poucos cuidados médicos”); totalizante (“todos os doentes foram tratados”) ou zero (“os pacientes não tiveram nenhum tratamento”). Com respeito ao item *c*, o grau da quantificação pode ser fraco ou forte de acordo com diferentes situações de comunicação, o sistema de valores sociais partilhados e o julgamento dos interlocutores, fatores que calibram a ideia de graduação alta, média ou baixa de algo. Por exemplo, *um milhão* pode indicar uma grande quantidade, caso se refira ao conjunto de pessoas acometidas pela dengue em poucos meses no Brasil, mas pode indicar um montante pequeno se a referência for ao número de doses da vacina contra a dengue atualmente disponível no país.

Caracterizando, com mais detalhes, as formas de indicar a quantificação, Charaudeau (1992) destaca que a pluralização funciona tanto como um mecanismo de concordância no nível morfossintático quanto como um recurso com valor de quantidade, podendo, inclusive, neste último caso, estabelecer oposições significativas no uso de certos termos, concebidos como nomes ora contáveis ora não contáveis. Os quantificadores propriamente ditos, por sua vez, são formas cuja função é significar quantidade ou intensidade de variados modos. Podem ser pronomes indefinidos (*alguns, muitos, poucos, vários* etc.), expressões (*certo número de; cerca de* etc.), advérbios (*extremamente, fortemente* etc.) e até morfemas (prefixos e sufixos: *hiper-, super-, -íssimo* etc.). A quantificação também é operada por numerais e suas subclasses (a dos cardinais, a dos ordinais, a dos multiplicativos, a dos fracionários), além de unidades que indicam parte de objetos ou conjuntos (“uma parcela da população”) ou o resultado de uma ação (“uma camada de repelente na pele”). Nesse rol, figuram, ainda, substantivos coletivos, que, no singular, “nomeiam, descrevem, referem-se a todo um conjunto de elementos, e não a elementos individualizados de uma dada classe” (Neves, 2018, p. 256), usados em sintonia com as unidades a que se referem (“bando de animais”) ou de forma metafórica (“bando de desinformados”).

Considerando os modos de quantificar/intensificar e os graus desse processo, os numerais expressam quantidade precisa/determinada, embora, combinados com expressões como

aproximadamente ou *cerca de*, por exemplo, possam indicar aproximação em torno de um valor numérico ou, ainda, junto a outras expressões, a ideia de que algo esteja acima ou abaixo da referência numérica, com diferentes graus de força dado o contexto de uso. Por exemplo, em “Para se recuperar da dengue, algumas pessoas levam *bem mais que 15 dias*”, sinaliza-se um excesso de tempo para a recuperação da doença. Em “Outros levam *quase 15 dias* para se recuperar”, embora a quantidade esteja abaixo da referência numérica, percebe-se que há uma forte nuance em relação ao tempo que seria de se esperar para a recuperação, o que recebe outra conotação quando se diz “Você vai se recuperar em *apenas 15 dias*”. Esses usos reforçam a ligação entre as formas escolhidas para expressar a quantificação e os efeitos de sentido contextuais que produzem, pois, na compreensão desses enunciados, abarcam-se a situação de comunicação e os saberes partilhados sobre o que se diz.

Entre outros efeitos discursivos da quantificação determinada, em paralelo à ideia de precisão e de relativa objetividade, pode-se mencionar o valor de prestígio associado ao emprego ritualizado de certos numerais em contexto, como em “1001 utilidades”, conhecido *slogan* publicitário brasileiro da esponja de aço da marca Bombril, veiculado a partir do final da década de 1970. Nesse caso, a expressão de quantificação acabou se cristalizando e se disseminando para outros usos, caracterizando produtos ou pessoas que sejam muito eficientes e multifuncionais. Outro efeito possível é o de ênfase pela repetição que cria um elo necessário entre números aleatoriamente associados, como em “2 cores, 2 francos, 2 esferas” (Charaudeau, 1992, p. 247, tradução livre)⁴, frase de uma publicidade de caneta esferográfica. A enumeração de quantidades permite, então, jogar com as ideias de acaso, probabilidade, necessidade, entre outros matizes de significação.

Para quantificar/intensificar de maneira indeterminada/imprecisa, usam-se pronomes indefinidos, advérbios ou expressões e frases equivalentes. Tais recursos também variam em relação ao grau expresso (forte, fraco ou neutro), igualmente na dependência de aspectos contextuais. Nesse grupo, observa-se, entre outros recursos, o uso de afixos que denotam, em grande medida, a subjetividade do enunciador para expressar intensidade de forma sintética (“mosquito *superperigoso*”; “mosquito *perigosíssimo*”), além de expressões construídas de maneira analítica com advérbios associados a propriedades alvo da intensificação, como em “mosquito *muito* perigoso” ou em “mosquito *extremamente* perigoso”. É interessante pontuar também que se podem empregar expressões comparativas que assumem valor de intensidade, como em “teimoso/a *como uma mula empacada*” e em “amargo *feito jiló*”, por exemplo.

Esse tipo de quantificação produz efeitos de sentido variados por meio de deslizamentos semânticos e da criatividade linguística em contexto, como quando se empregam expressões fixas com valor quantitativo ou palavras do léxico de forma metafórica (“uma *enxurrada* de reclamações sobre o problema”). Outros sentidos desse recurso advêm da transferência de categoria, ao se usar o intensificador *muito* junto a seres contáveis, como se estes assumissem a propriedade daquilo que é objeto da intensificação. Em “Ele é *muito* mar”, por exemplo, sugere-se que alguém é apaixonado pelo mar. Podem-se, ainda, construir efeitos de sentido de intensificação alta por meio de construções com eufemismo, que, com apoio em elementos prosódicos, gestuais e situacionais mais amplos, denotam o oposto. Assim, afirmar que “O aumento dos casos de dengue não é insignificante” pode indicar que esse crescimento é bastante expressivo. Ainda no plano da associação com sentidos opostos, podem-se usar comparações para intensificar propriedades contrárias àquelas que se explicitam (“Ele é *sutil como um rinoceronte em uma loja de cristais*”). Também se pode intensificar algo pela repetição de estruturas, como em “Quem pode pode”, por exemplo (Charaudeau, 1992).

Quanto à quantificação relativa, toma-se um limite de referência alicerçado em um consenso social coletivo ou individual. Há, pois, três graus possíveis em relação a esse parâmetro

⁴ No original: “2 couleurs, 2 francs, 2 billes”.

partilhado, ao qual se atribuem valores positivos ou negativos: suficiência, excesso ou insuficiência. Entre os efeitos discursivos possíveis, há o de restrição, que estabelece uma ressalva quanto a uma intensificação positiva, sem invalidá-la, como em “A solução não é perfeita, mas digamos que é *bem razoável*”; e o de saturação, em que se expressa um limite máximo que não deve ser excedido (“Ele já sofreu *demais!*”). Convém observar que essa saturação pode ser construída contextualmente por verbos e frases inteiras (“Chega de conversa!”, “Basta!” etc.). O excesso também pode ser conotado por um só verbo, associado a certa situação comunicativa. Ao se dizer, por exemplo, “Aquela pesquisadora sabe!”, indica-se que alguém tem mais conhecimentos do que o padrão assumido em dado contexto.

Por meio da quantidade/intensidade totalizantes, abrangem-se todos os elementos de um conjunto, como em “*Todos* os pacientes receberam tratamento”. Aplicando-se a seres contáveis e não contáveis, esse mecanismo permite engendrar diferentes efeitos: “visão de pluralidade (o conjunto de vários seres); visão de globalidade (seres tomados como uma massa), visão do todo da substância (com suas propriedades)” (Charaudeau, 1992, p. 271, tradução livre)⁵.

Desse modo, pode-se explorar a ideia de globalidade para promover uma espécie de equivalência entre o ser qualificado e o elemento qualificador (“Ela é *toda* gentileza”) ou para substituir a visão de pluralidade, ampliando a noção da quantidade por meio de um processo metonímico, como, por exemplo, em “O país *todo* está enfrentando a dengue”, uso que sinaliza que *todos os brasileiros* estão lidando com a doença. Em sentido inverso, o uso de uma forma negativa como *apenas* aponta para uma totalidade por meio da exclusão de outros elementos (Charaudeau, 1992, p. 273).

Por fim, a quantidade/intensidade zero está associada à ausência e, portanto, à negação. Assim, em exemplos como “Ele não sentiu sintoma *algum*” e “Ele não viu *nenhuma* necessidade de ir ao hospital”, nega-se não só a existência de quantidade como também a própria unidade de referência em cada caso (“sintoma” e “necessidade”, respectivamente).

Com base nessa breve síntese da quantificação sob a perspectiva semiolinguística, propõe-se, a seguir, a análise dos efeitos de sentido que essa operação semântico-discursiva plasma tanto na parcela verbal quanto na parcela visual de três charges contemporâneas sobre a epidemia de dengue, fato que marca o segundo semestre de 2023 e o primeiro semestre de 2024 no Brasil.

A DENGUE QUANTIFICADA EM CHARGES

Charaudeau (2011, p. 3) inclui as ciências da linguagem entre as disciplinas de *corpus*, pois, em sua maioria, uma compilação de dados linguísticos (sob a forma de textos escritos ou orais, de documentos diversos, de observações empíricas selecionadas ou de sondagens provocadas) constitui seu objeto de pesquisa. Assim sendo, ao debruçar-se sobre um pequeno *corpus* de charges, a metodologia empregada neste trabalho não tem finalidade quantitativa ou estatística, mas assume um caráter qualitativo, exploratório e descritivo, voltado para uma amostragem das potencialidades da operação linguístico-discursiva da quantificação. Com efeito, como aponta Minayo (2014, p. 57), o método qualitativo é aquele “que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”.

Sabe-se que a interação entre enunciador e destinatário se molda “pelo gênero do discurso selecionado, que depende das possibilidades de uma época, isto é, da gama e da hierarquia dos discursos que uma cultura propõe em um momento determinado de sua história” (Amossy, 2016,

⁵ No original: “[...] vision de *pluralité* (l’ensemble de plusieurs êtres), visions de *globalité* (les êtres pris en masse), vision d’*entier de la substance* (avec les propriétés).

p. 21). O próprio Bakhtin – referência para os estudos modernos sobre esse conceito – afirmou que “o querer dizer do locutor se realiza, acima de tudo, na escolha de um gênero do discurso” (Bakhtin, 1997, p. 301), de modo que é fundamental considerar essa categoria constitutiva de um *corpus* de pesquisa ao analisá-lo. No caso deste estudo, três charges, assinadas por Ricardo Manhães, Luiz Fernando Cazo e Gilmar Fraga e publicadas entre os anos de 2023 e 2024, compõem o *corpus*, cuja seleção foi direcionada para o objetivo de verificar a materialização e os efeitos de sentido da quantificação linguística mobilizada para relatar a realidade da epidemia de dengue no Brasil.

De acordo com Ramos (2010, p. 21), a charge – um gênero de história em quadrinhos – é “um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário” e que, de certa forma, “cria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual”. Quanto à apresentação gráfica, Miani (2023) aponta que esse gênero contém, predominantemente, um único quadro e raramente o artista utiliza a divisão do espaço em duas ou mais cenas para expressar e defender sua ideia; em alguns casos somente, observam-se duas ou mais cenas inseridas em um quadro maior.

Quanto aos seus elementos estruturantes, a charge, tradicionalmente apresentada como desenho, explora, na composição visual, a linha, o espaço, o plano, o ponto de enfoque, o volume, a luz e a sombra, o balão, a narrativa e o texto verbal – não aparecendo, necessariamente, todos esses elementos, ao mesmo tempo –, além de elementos gráficos como caricatura, cenário, espaço, perspectiva, movimento, onomatopeias (Miani, 2023). Por ser um texto condensado, em que predomina a parcela visual, a parcela verbal tem a função de completar a ação e/ou dar voz aos personagens. Como aponta Miani,

[...] a maioria das charges contém textos, palavras ou outros componentes verbais, uma vez que o elemento linguístico se torna importante recurso para explicitar a intencionalidade de seu respectivo autor ou ainda para completar o sentido político ou cômico pretendido. Inclusive, mesmo quando não há elementos verbais explícitos na imagem chárstica, ainda assim a questão da linguagem verbal é fundamental para os processos de leitura, de interpretação e de inteligibilidade da charge (Miani, 2023, p. 37).

No percurso metodológico, como o objeto de estudo deste trabalho é a *quantificação*, partiremos principalmente dos trechos verbais para empreender a análise, apoiando-nos nas imagens como elementos complementares ao seu sentido. Assim, após a explanação teórica nos tópicos anteriores e tendo as características do gênero charge elencadas como parâmetro, passaremos à apresentação e à análise do material.

A primeira charge a ser analisada é de autoria de Ricardo Manhães, quadrinista, chargista e ilustrador radicado no sul do Brasil. Primeiro cartunista brasileiro a publicar em francês, o autor trabalha, há mais de 15 anos, no mercado europeu de quadrinhos e, no Brasil, atualmente desenha charges para o jornal e portal *Notícias do Dia* (ND+). Publicada em 6 de junho de 2023, a charge em tela analisa dados de 2022 e 2023 sobre a dengue no Brasil, e faz uma espécie de “previsão” para 2024 a partir deles:

Figura 2 – Charge de Ricardo Manhães (06/06/2023)



Fonte: Casos [...] (2024).

Na parcela verbal, na legenda em amarelo, o procedimento de quantificação aparece morfológicamente no uso do plural (*casos*; *sobem*), indicando que são muitos os casos de dengue. Semanticamente, o verbo “subir” também denota aumento da quantidade dos casos. O advérbio *quase* indica uma quantidade que está um pouco abaixo e muito próxima a 200%. Para Charaudeau (1992, p. 245), termos como “quase” expressam uma quantidade imprecisa, determinada aproximadamente, representando uma referência numerada em torno da qual a quantidade avaliada está mais ou menos localizada. O número 200%, por sua vez, já deixa implícito certo grau de intensidade no aumento de casos da doença, pois representa o dobro de ocorrências do ano anterior. A expressão *em comparação com o ano anterior* demarca o ponto de referência para esses dados quantificados, expressando, assim, quanto ao modo, uma quantificação relativa.

Ainda analisando a parte verbal, no balão, o mosquito usa a terceira (*entenderam*) e a primeira pessoas (*atingirmos*) do plural – além da forma *a gente* –, o que permite perceber não só a grande quantidade de mosquitos por esse uso, mas também indica que tais insetos agem em “coletivo”. De fato, segundo o *site* da Secretaria de Saúde do Espírito Santo⁶, a fêmea do *Aedes aegypti* chega a colocar entre 150 e 200 ovos, e a transmissão da dengue depende da concentração do mosquito: quanto maior a quantidade, maior a transmissão. A palavra *meta* designa um ponto de referência, uma quantidade a ser atingida, reforçada pela máxima “força, foco e fê”, típica do mundo corporativo, para incentivar seus funcionários à produção. Vale lembrar, nesse sentido, que o cartunista Ricardo Manhães é especializado em comunicação corporativa ilustrada. Não sendo suficiente o *slogan* “motivacional”, o mosquito ainda diz que, quando atingirem a tal meta, a ideia é *dobrar* essa meta, ou seja, estabelecer um objetivo duas vezes maior que o anterior. O ponto de exclamação também indica intensidade, dando ênfase à mensagem. No quadro, a marcação temporal é indicada pelos números 2022, 2023 e 2024, em um modo de quantificação precisa.

A fala do mosquito depende, ainda, de uma inferência importante para que sejam compreendidos seus sentidos de discurso. Como é característico das charges, o enunciado que aparece no balão remete intertextualmente a uma fala de 2015 da ex-presidenta da República Dilma Rousseff ao comentar a nova fase do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec): “Não vamos colocar meta. Vamos deixar a meta aberta, mas quando atingirmos a meta, vamos dobrar a meta”⁷. Pode-se perceber, nessa remissão, um contorno totalizante em relação aos casos de dengue no Brasil e uma tendência a que os índices evoluam como consequência direta do “empenho” dos mosquitos, o que contribui para os efeitos visados de captação do leitor com tom humorístico.

⁶ Disponível em: <https://mosquito.saude.es.gov.br/o-mosquito>. Acesso em: 20 mar. 2024.

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/xfnrQSLCJoQ?si=0aB2w72VxjVgQS-y>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Na parcela visual, a legenda em amarelo confere certo grau de importância à informação veiculada, chamando a atenção do leitor para a notícia em que se baseou a charge; essa é uma característica frequente nas charges de Manhães. Os vários mosquitos presentes reforçam a ideia de plural, e o gráfico no quadro mostra o número de casos nos anos de 2022 e 2023, fazendo uma projeção para o ano seguinte, 2024. A seta em vermelho também quantifica, ao mostrar o aumento do número de casos de um ano para o outro e indicar que, em 2024, esses casos deveriam aumentar ainda mais. Percebe-se, então, que há uma relação de complementaridade entre as parcelas verbal e visual, ambas quantificando e denunciando o aumento de casos da doença e alertando a população e as autoridades para o fato de que seria preciso agir a tempo, de modo a evitar essa progressão aritmética crescente.

A segunda charge é de autoria de Luiz Fernando Cazo, artista premiado em eventos internacionais e considerado um dos mais importantes cartunistas na área de desenhos de humor. A charge a seguir foi publicada no jornal online *Tribuna Ribeirão*, em 30 de janeiro de 2024, e aborda a distribuição da tão esperada vacina contra a dengue.

Figura 3 – Charge de Cazo (30/01/2024)



Fonte: Charge (2024).

Na parcela verbal, como é comum nas charges de Cazo, aparece logo acima, em vermelho, a notícia com a qual o exemplar estabelece relação de intertextualidade: “Vacina contra a dengue chegará a apenas 10% das cidades...”, amplamente divulgada no fim de janeiro de 2024. Conforme informaram os canais de notícias, dentre eles o *g1*⁸, devido à baixa capacidade na produção do imunizante pelo laboratório responsável, a vacinação, empreendida pelo Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil e agendada para ter início em fevereiro de 2024, teve de ser restrita inicialmente. O público-alvo definido pelo governo foi composto por crianças e adolescentes de 10 a 14 anos que moram na zona urbana (uma quantificação precisa das idades), mas que corresponde a apenas 10% do número total de municípios do país (uma quantificação relativa).

Essa foi uma notícia desanimadora para aqueles que aguardavam ansiosamente a vacinação, como se observa no arranjo solidário entre a parcela verbal e visual da Fig. 3. Quanto à parcela verbal, o índice 10% determina e limita a quantidade de pessoas a serem vacinadas pelo

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2024/01/28/vacina-contradengue-chega-a-10percent-das-cidades-no-pais-veja-distribuicao-no-mapa.ghtml>. Acesso em: 05 mar. 2024.

governo a um pequeno grupo, um décimo da população. Além disso, há a presença do advérbio *apenas*, que também quantifica ao reforçar a exclusão dos 90% restantes. Como afirma Charaudeau (1992, p. 273), a forma negativa “apenas...” indica indiretamente a totalidade por meio da noção de exclusão do resto; também, quanto à quantidade/intensidade, exprime o grau fraco (apenas 10%) em comparação com uma unidade de referência mais forte (90%) e permite interpretar, conforme Charaudeau, o reforço da ideia de escassez de recursos para combater a epidemia e de amplitude da população que permanecerá desprotegida.

Ao observar o termo *vacina*, no singular, uma das leituras possíveis é a de que existe somente um tipo de vacina disponível na rede pública, um dos fatores responsáveis por esse baixo oferecimento; em contraste, *idades* aparece no plural, mostrando que há um grande grupo a ser vacinado, apesar da oferta restrita. Infelizmente, mesmo sendo reduzido, esse número de vacinas não teria sido tão bem aproveitado⁹, pois houve baixa adesão à campanha, devido aos recentes movimentos antivacina que tomaram conta do país, o que forçou o governo a reavaliar a estratégia de vacinação.

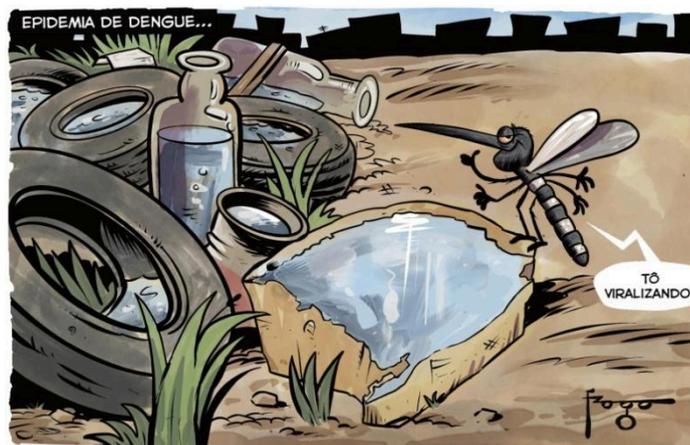
A parcela visual, por sua vez, reforça a ideia veiculada pela expressão verbal *apenas 10%*: a cena ilustrada na charge mostra uma enfermeira pronta para aplicar a vacina da campanha em uma pessoa, porém a agulha da seringa em sua mão perde a rigidez nesse momento. Tal imagem remete, de forma simbólica, à perda de ânimo/entusiasmo tanto do governo quanto da sociedade civil para a campanha contra a dengue. Além disso, na mesma direção semântica, pode-se perceber certa conotação fálica no gesto da enfermeira, o que gera um deslocamento de sentidos e o consequente efeito humorístico, em alusão ao homem que, no ato sexual, perde o vigor e a potência de ação quando lembra de algum problema.

A terceira e última charge é de autoria do ilustrador e caricaturista Gilmar Fraga (2024), também premiado em mostras de humor nacionais e internacionais. Atualmente, o cartunista publica suas charges no jornal digital *Gaúcha Zero Hora* (GZH), canal em que, em 7 de fevereiro de 2024, foi publicado o exemplar a ser analisado adiante.

Nessa charge, há poucos dados verbais. Primeiramente, a própria palavra *epidemia*, presente na legenda, carrega, em seu núcleo semântico básico, a ideia de quantificação: segundo o Instituto Butantã, há uma epidemia quando “ocorre um *aumento no número de casos* de uma doença em *diversas regiões, estados ou cidades*, porém *sem atingir níveis globais*” (Instituto Butantã, 2024, grifo nosso). Assim, ao sinalizar que há uma “epidemia de dengue”, já é indicado que a doença se espalhou por vários lugares e tem se multiplicado. Considerando as circunstâncias que articulam e ressignificam signos de língua em signos do discurso, a escolha desse substantivo apresenta uma visão globalizante da informação e favorece, assim, a finalidade de captação do cartunista para seu ponto de vista sobre uma temática de interesse público.

Figura 4 – Charge de Gilmar Fraga (07/02/2024)

⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/03/04/dengue-apesar-da-explosao-de-casos-vacina-tem-baixa-procura-e-estados-aumentam-publico-alvo.ghtml>. Acesso em: 05 mar. 2024.



Fonte: Gilmar Fraga (2024).

A inscrição “Tô viralizando!”, no balão de fala do mosquito, da mesma forma, parece potencializar o projeto de fala do chargista. Como na primeira charge (Fig. 2), o sinal de exclamação expressa intensidade, dando ênfase à mensagem. Contudo, uma atenção especial deve ser dada ao termo *viralizando*, que, aqui, assume duplo sentido. Primeiramente, como é sabido, a dengue é uma doença causada por vírus, palavra que dá origem ao termo “viralizar”. De origem latina e resgatado posteriormente pela ciência, o termo designava “veneno” e hoje é usado para nomear esses pequenos agentes infecciosos. Com o passar do tempo, devido ao caráter das doenças virais, que se espalham com facilidade e rapidez a um grande número de indivíduos, o termo “viralizar”, metaforicamente, passou a ser utilizado para designar conteúdos que ganham grande repercussão na internet, muitas vezes de forma inesperada. Quanto a isso, como visto anteriormente, Charaudeau (1992) indica que alguns itens lexicais com sentido metafórico também podem expressar a quantificação.

Na parcela não verbal, vemos um mosquito em um terreno baldio, cheio de lixo. A quantificação aparece visualmente por meio da enumeração: muitos prédios ao fundo, em segundo plano, representados por sombras (mostrando que se trata de uma área urbana) e muitos objetos espalhados. No segundo caso, conforme aponta Charaudeau (1992, p. 248), quando a enumeração é feita de forma desordenada, produz um efeito de acumulação excessiva, o que pode ser observado no número de pneus e garrafas, potenciais recipientes de água das chuvas. A época de alta da dengue coincide geralmente com o verão, período de chuvas abundantes e calor intenso; por isso, a doença é mais comum em países tropicais (e subtropicais), como o Brasil. Por essa razão, na imagem, o reservatório de água parada – condição ideal para a reprodução do *Aedes aegypti* – tem um formato que, não por acaso, lembra o mapa do sul do Brasil (região de publicação do jornal GZH, onde a charge foi publicada), metonímia que também se harmoniza com o efeito contextual globalizante agenciado pela parcela verbal do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, propusemos a análise de três charges sobre a epidemia de dengue no Brasil, publicadas entre 2023 e 2024. No percurso proposto, assumiu-se a Teoria Semi linguística de Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau, como ancoragem teórica e metodológica central, considerando um de seus postulados principais: a interconexão de aspectos situacionais, discursivos e multissemióticos na construção de efeitos de sentidos em variados atos de linguagem. No exame do referido *corpus*, focalizou-se a operação de quantificação, mobilizada para expressar dados e informações relativos à dengue, seja na dimensão linguística, seja na

dimensão visual dos textos. Para isso, recorreu-se, mais especificamente, à proposta desenvolvida por Charaudeau em sua *Gramática do sentido e da expressão*, segundo a qual se torna necessário associar a intencionalidade dos sujeitos a determinadas operações semântico-conceituais e a suas possibilidades de expressão para se analisar, de forma ampla, como se opera a semiotização do mundo no processo de interação.

A análise dos textos selecionados corrobora o que Charaudeau (1992) propõe a respeito do amplo espectro de recursos linguísticos que veiculam a quantificação além dos numerais, a exemplo de formas lexicais que portam, em si mesmas, traços semânticos quantificadores (como *epidemia* e *viralizar*), escolhas morfológicas (formas verbais e nominais flexionadas no plural) e arranjos sintáticos (por exemplo, com os advérbios *quase* e *apenas*), entre outras marcas, como a pontuação. Conforme sugere a análise semiolinguística, os *sentidos de discurso* decorrentes dessas escolhas superam a noção estável e provável dos *sentidos de língua* e permitem interpretar os dados mencionados sobre a epidemia de dengue no Brasil para além dos números, com destaque para o modo preciso, impreciso, relativo ou totalizante da quantificação, bem como para o grau forte ou fraco com que é descrita, entre outras particularidades semânticas. Além disso, tendo em vista a verbo-visualidade inerente aos textos examinados, não se pode negligenciar a contribuição da imagem das charges (analisada, para os fins deste estudo, de forma subsidiária), cuja atuação contribuiu para complementar e reforçar os efeitos de sentido visados pelo chargista.

Com efeito, toda a análise pautou-se pelas características do gênero textual em questão, cujas particularidades temáticas, composicionais e estilísticas correspondem, de forma mais ou menos explícita, aos diversos fatores contratuais responsáveis pelo timbre do discurso sobre a materialidade linguística (e visual). Assim sendo, a intertextualidade e a situacionalidade inerentes às charges, que as vinculam a um acontecimento de amplo interesse público, são imprescindíveis à interpretação das escolhas do enunciador chárgico e fazem com que muitas dessas seleções não sejam compreendidas por demandarem o ativamente de determinados conhecimentos de mundo e/ou a pesquisa sobre os fatos em questão. Vale destacar que, apesar dessa face efêmera das charges, muitos veículos de comunicação têm resgatado charges sobre a dengue de outras épocas, sem que o leitor sequer note. Como, ano após ano, a dengue está presente no cenário brasileiro e, conseqüentemente, na quantificação explorada pela mídia, tais textos, em seu conteúdo, não “perdem a validade”, tornando-se, assim, cíclicos e, infelizmente, sempre atuais.

Importa salientar, como propõe Charaudeau, que o sentido é um fenômeno de intencionalidade e expressão que resulta da convergência entre um *querer dizer*, um *como dizer* e um *poder dizer*, dados pela situação comunicativa. Desse modo, “falar não é mais uma questão de estética, mas de *ajuste*, de *adequação* e de *estratégia*” (Charaudeau, 2015, p. 252). A tarefa de *interpretar* um texto/discurso deve refazer esse caminho, em direção à *compreensão*, considerando que os mecanismos linguísticos e semióticos em geral se colocam a serviço do fenômeno languageiro em uma situação de comunicação, produzindo, assim, diferentes efeitos de sentido. É o que revelam os números da dengue nas charges analisadas, que, pela maneira como participam da encenação da linguagem, mais que apenas reportar a realidade de uma epidemia no contexto brasileiro, podem ajudar o leitor a refletir sobre “o que fazer com esses números?”, conscientizando-o e engajando-o no combate ao mosquito.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. A interação argumentativa no discurso literário: da literatura das ideias ao relato de ficção. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 5-41, dez. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Combate à dengue. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aedes-aegypti/monitoramento-das->. Acesso em: 25 mar. 2024.

CASOS de dengue em Florianópolis. Jornal ND, Florianópolis, 06 mar. 2023. Disponível em: <https://ndmais.com.br/opinio/charges/casos-de-dengue-em-florianopolis/>. Acesso em: 1 mar. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. Compreensão e interpretação. Interrogações em torno de dois modos de apreensão do sentido nas ciências da linguagem. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. 2019. Disponível em: <https://ciadrj.letras.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/11/ARTIGO-CHARAUDEAU-2019-3.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-23, dez. 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Tradução de Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma gramática do sentido numa perspectiva didática. In: VALENTE, André C. (org.). *Unidade e variação na língua portuguesa: suas variações*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 244-255.

CHARAUDEAU, Patrick. Por uma interdisciplinaridade "focalizada" nas ciências humanas e sociais. In: MACHADO, Ida; COURA-SOBRINHO, Jerônimo; MENDES, Emília (org.). *A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem*. Belo Horizonte: NETII FALE/UFMG, 2013. p. 17-51.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-29.

CHARGE. Jornal Tribuna Ribeirão, Ribeirão Preto, 30 jan. 2024. Disponível em: <https://www.tribunaribeirao.com.br/site/charge-30-01-2024/>. Acesso em: 1 mar. 2024.

FERES, Beatriz. *Discurso amoroso na literatura infantil*. São Paulo: Contexto, 2023.

GILMAR FRAGA: epidemia de dengue... Gaúcha Zero Hora, Porto Alegre, 7 fev. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/opinio/noticia/2024/02/gilmar-fraga-epidemia-de-dengue-cls0bpit0062015hhtzmn6go.html>. Acesso em: 01 mar. 2024.

INSTITUTO BUTANTÃ. Entenda o que é uma pandemia e as diferenças entre surto, epidemia e endemia. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-o-que-e-uma-pandemia-e-as-diferencas-entre-surto-epidemia-e-endemia>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes - Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MIANI, Rozinaldo Antonio. *Charge: elementos de teoria e subsídios para uma metodologia de análise*. São Paulo: Criativo, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.

WESTIN, Ricardo. Dengue: clima, água parada e falhas do poder público causaram explosão de casos. *Agência Senado*, Brasília, DF, 16 fev. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2024/02/dengue-clima-agua-parada-e-falhas-do-poder-publico-causaram-explosao-de-casos>. Acesso em: 20 mar. 2024.